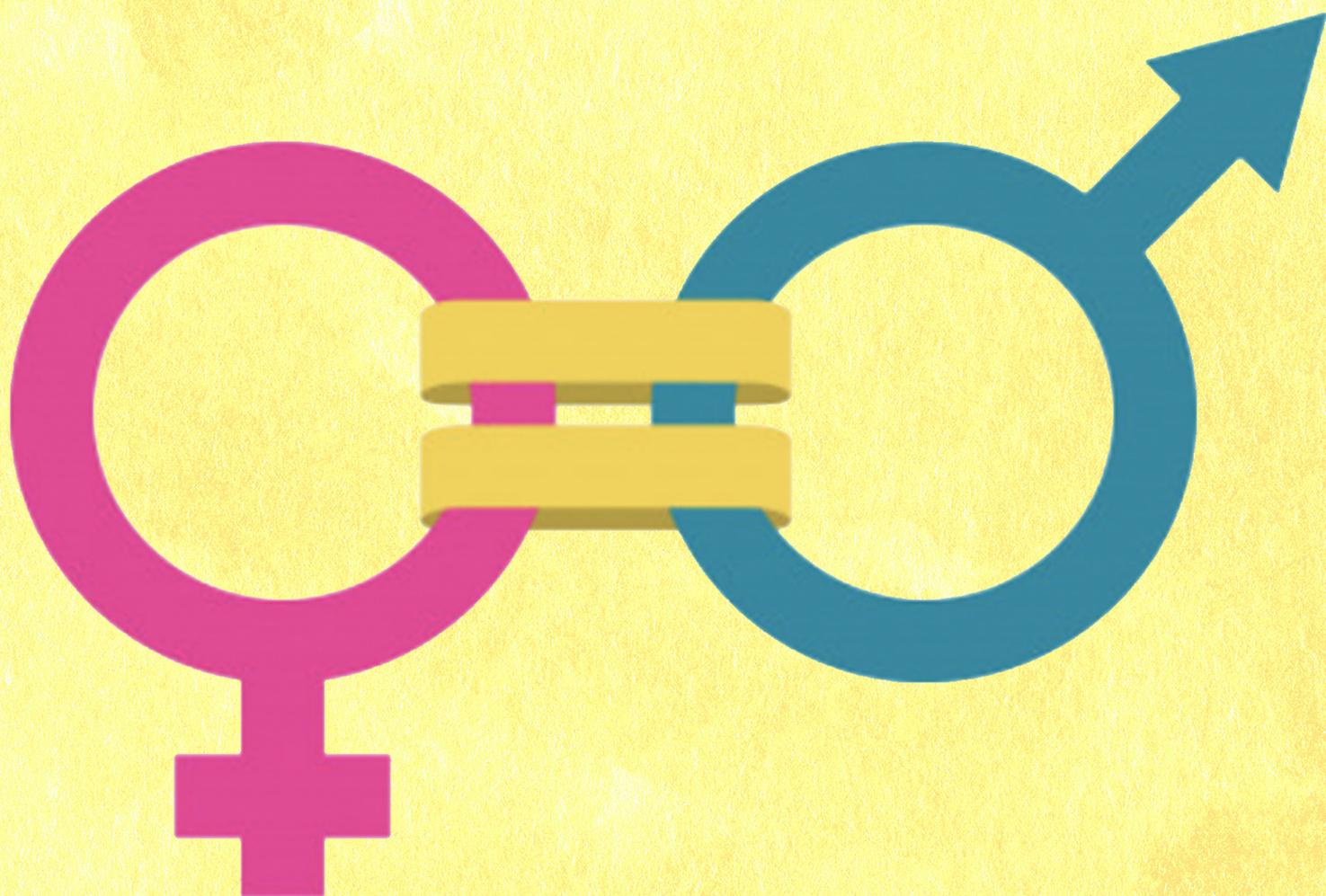


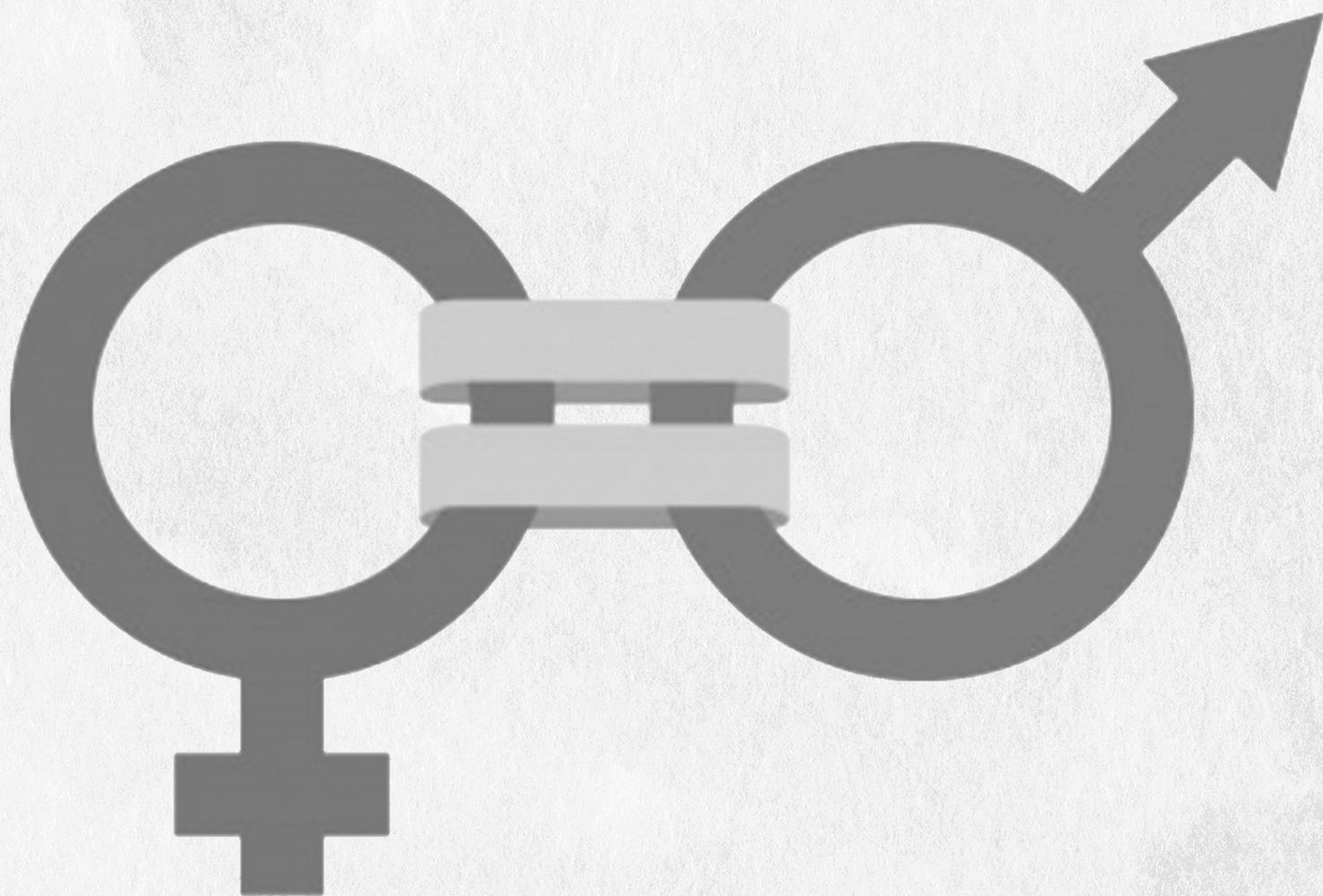
RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| M775r | <p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza. Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-058-2 DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautar no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimulá-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE | |
| Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051 | |
| CAPÍTULO 2 | 17 |
| A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA. | |
| Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL | |
| Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053 | |
| CAPÍTULO 4 | 39 |
| EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL” | |
| Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054 | |
| CAPÍTULO 5 | 50 |
| COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT | |
| Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055 | |
| CAPÍTULO 6 | 64 |
| GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE | |
| Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056 | |
| CAPÍTULO 7 | 79 |
| GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE | |
| Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 87 |
| OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS | |
| Meiriane Christine dos Santos Aguiar | |
| Isis Vanessa Nazareth | |
| Yasmin Alves de Oliveira Lopes | |
| Rejane Corrêa Marques | |
| Fabrícia Costa Quintanilha Borges | |
| Thayssa Cristina da Silva Bello | |
| DOI 10.22533/at.ed.5822022058 | |
| CAPÍTULO 9 | 98 |
| GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR | |
| Keith Daiani da Silva Braga | |
| Arilda Ines Miranda Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.5822022059 | |
| CAPÍTULO 10 | 110 |
| OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE | |
| Kueyla de Andrade Bitencourt | |
| João Diógenes Ferreira dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.58220220510 | |
| CAPÍTULO 11 | 121 |
| UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR | |
| Iara Luzia Henriques Pessoa | |
| Glauce Michelle Araújo Penha | |
| Carlos Alberto Gomes de Brito | |
| DOI 10.22533/at.ed.58220220511 | |
| CAPÍTULO 12 | 129 |
| SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO | |
| Joice da Silva Brum | |
| Nivia Valença Barros | |
| DOI 10.22533/at.ed.58220220512 | |
| CAPÍTULO 13 | 141 |
| GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS | |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro | |
| Claudionor Renato da Silva | |
| Débora Cristina Machado Cornélio | |
| Valquiria Nicola Bandeira | |
| Marilurdes Cruz Borges | |
| DOI 10.22533/at.ed.58220220513 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 151 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 152 |

A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.

Data de aceite: 26/03/2020

Maria Cecilia Patrício

Doutora em Antropologia pela UFPE. Professora de disciplinas de Humanidades em faculdades particulares da RMR Recife – UNINABUCO e UNIFBV/Wyden. Contato: mcecpatricao@yahoo.com.br. Trabalho referente a parte reformada da Tese de doutorado defendida em UFPE, Recife, 2008. CNPQ/Capes.

RESUMO: Este artigo destaca uma das discussões acerca da Etnografia multisituada. Esta metodologia tomou forma mais intensa quando estudei travestis brasileiras no Brasil e na Espanha, e estas retornadas no pós-campo. Uso de entrevistas semi-diretivas, conversas informais com registro em diário de campo, cópia e cola de textos recebidos nas redes sociais (de conversas com as travestis que estavam em atividade nos escorts e em outros espaços, estados e países), participação em grupos de discussão formais (ongs e ogs) e informais e material documental (revistas, documentos pessoais, periódicos de várias épocas) apontaram

para a necessidade de roteiros iguais para todas as interlocutoras, com o uso das redes sociais para comunicação, o que me fez perceber uma performatividade nos encontros e nas falas, que repercutiu nas perguntas e nas respostas, mas que só foi possível ter feito de tese pela compreensão dos truques que se constroem e disseminam na realidade trans que vivenciam.

PALAVRAS – CHAVE: Etnografia multisituada. Travestilidade. Identidade.

INTRODUÇÃO

O que define travestis é o seu sistema específico de auto-representação e as posições que impõe a seus interlocutores, os percursos que reivindica para si, que constitui uma comunidade que vai sedimentando uma visão do social, uma reflexão sobre como se situar nele (Hélio Silva, 1993:143).

Para melhor compreender este artigo, é necessário descrever que na cidade do Recife analisei 14 travestis que circulam, já viajaram ou desejam viajar para a Europa. Todas possuem o corpo modificado com as tecnologias disponíveis, dependendo da sua

condição financeira e prioridades estéticas.

No momento dedicado a Madri, a proposta foi de tentar entender que elementos fornecem a identificação delas enquanto brasileiras em outro país e em outro continente, já que maioria das entrevistadas circulam por toda a Europa. Realizei 8, embora tenha observado outras identificações (profissionais de saúde e familiares), ambientes e situações, em ruas e festas, que entraram na análise como imprescindível ao entendimento do estudo. Para isso, insisti em roteiros semelhantes, o que foi cuidadosamente tratado, como também investi nos diferentes relatos de diferentes informantes, com a finalidade da pesquisa permear todos os discursos possíveis sobre o fenômeno estudado. Nas duas cidades, precisei identificar os “múltiplos locais de observação e participação” (MARCUS, 1995) para compreender o fio condutor da apresentação identitária de travestis que se apresentava.

Para aprimorar o olhar foi necessário que o mesmo questionamento da observação fosse utilizado na proposta das entrevistas não-diretivas, que foram aplicadas em campo disperso tanto geográfico (duas cidades, muitos espaços diferentes em que se encontravam as trans) como epistêmico, o que foi possível ampliar temática e qualitativamente o estudo, para a obtenção do maior número possível de informações. Precisei não apenas ver, mas examinar as informações, fossem estas fornecidas de forma clara ou desviadas, “não se trata [ndo] somente de entender, mas de auscultar (...)” [pois] “a observação abrange todos os procedimentos utilizados na pesquisa” (RUBIO, s/d, 32) com a variedade de “atrizes” – travestis brasileiras – encontradas.

ETNOGRAFIA MULTISITUADA

A parte da pesquisa que me fez decidir pela Etnografia Multisituada apareceu no campo da Espanha. Enquanto falava com familiares e amigos através da internet e do *locutório*¹, escutei um som conhecido: língua portuguesa falada por brasileiro. Ele conversava com sua cunhada, que mostrava na *webcam* seu sobrinho. Esperei a conversa acabar e o abordei. Dali a um mês ele inauguraria seu salão de beleza, ISDivine. Lá conheci alguns brasileiros, como Breno e Jayme, ambos *chaperos*². Ficamos amigos, visitei várias vezes o salão e sua casa, em que Igor me apresentou mais amigos e trans brasileiras que estavam pela Espanha. Cinco entrevistadas foram contactadas por intermédio de Igor. Breno me indicou duas delas, que não podiam me ver para uma conversa presencial. Elas viviam em piso e só saíam poucas horas por dia e poucos dias por mês, e quando saíam preferiam se divertir a estar conversando com uma desconhecida, interessada em sua vida. Foi aí que acionei a internet, já que também só as contactava via mensagens instantâneas do *windows*, *msn*, e o site de relacionamentos *orkut*, espaço em que conheci Lorena e conversamos algumas

1 Lan house.

2 Garoto de programa ou michê.

vezes. As conversas foram gravadas no próprio computador, no momento das falas, e realizadas em várias etapas do roteiro, como também nas vezes que conseguimos coincidir na internet. Elas estavam em intervalos entre um cliente e outro e o fim das conversas geralmente acontecia porque se ocupariam de mais um programa.

Questionei-me muito sobre a veracidade dos dados. O que qualquer estudioso sobre gênero e sexualidade, incluindo mercado do sexo, reflete. Principalmente quando Breno e Jayme me alertaram quanto à possibilidade de fuga da verdade nos discursos das que eram ouvidas pelo meio eletrônico, afirmando que é comum as pessoas mentirem sobre sua vida e sua identidade, e ainda mais quando se trata de travestis. Até insisti em encontrá-las fora dali, como uma tentativa de extrapolar o universo virtual e seguir, através de meus próprios sentidos corporais, suas vidas *fuera de la pantalla* (PÉREZ et al, 2003).

Foi preciso muita paciência para unir as muitas conversas em entrevistas completas, pois a linguagem de *msn* é entrecortada em sua própria estrutura gramatical e linguística. O que contribui para que a construção da cultura comunicativa do programa seja difícil para quem está acostumada ao campo real. Pois, no virtual prevalecem

frases cortas y respuestas inmediatas, consistentes muchas veces en emoticones o expresiones simples, [além de] contínuas interrupciones, cuyo sentido es sencillamente mantener la comunicación abierta. (PÉREZ et al, 2003: 84).

Interrupções estas marcadas também pelo famoso *net-split* (corte ou queda de rede), que dificulta a continuação e o controle da entrevista por parte da pesquisadora, principalmente. Pensando que estaria mal ao entrevistar algumas das trans por internet, me dei conta que aí mora a especificidade da coleta de dados, pois as circunstâncias me obrigaram a aderir a esta tecnologia de comunicação, devido às condições do mercado trabalho de algumas muitas travestis brasileiras na Europa.

Gálvez Mozo (2004), ao estudar o ensino a distância na Catalunha, aponta para as críticas à análise do entorno virtual utilizada em sua etnografia. Utiliza em seu estudo dois embates quanto a etnografia virtualizada: um, que afirma sobre as limitações da interação social, que fica comprometida porque o contato corporal não mais controla o “hasta donde y cómo se observa”, devido a um descompromisso de verdade e experimentação corporal da realidade em questão, a pesquisa, por exemplo. E outro, que afirma justamente o contrário, primeiro porque o buscador (usuário da tecnologia de busca virtual) sempre está munido de ferramentas prévias e conhecimentos que antecedem a sua pesquisa na rede de internet. Ou seja, não é um solitário, pois este conhecimento pode ser uma simples pergunta ou uma série de objetivos em relação à outra pessoa do outro lado da tela, em que os “critérios de ordenação, relevância e relação” estão presentes na atividade. Para Gálvez Mozo, a realidade offline “permea absolutamente o que ocurre en los entornos virtuales” (2004: 43) através de interações em sequência, em que as recomendações e feitos presenciais (invasão da realidade *offline*) dão o tom, em que a sociabilidade permanece entre os usuários do sistema.

Logo, virtual e presencial são paralelos, além de enriquecedores de um para o outro nível, segundo a autora, que conclui afirmando ser o foro um “fenómeno interativo performativo”.

O uso de correio eletrônico, de mensagens instantâneas e de sites de relacionamento que eram observados sempre, além do *Orkut* e *messenger*, fizeram parte de minha pesquisa como ferramenta de confirmação de informações. Mas, também, como instrumentos de coleta de dados, apenas com pessoas que vivem numa situação de deslocamento entre cidades e países, com impossibilidade de saírem do lugar onde estão de *plaza* para outro espaço, para fazer algo que não seja trabalhar, como é o caso das conversas travadas e gravadas com as travestis enquanto não aparece um cliente, o que pode prolongar-se por horas ou dias.

A esta altura, encontrei um aliado. Como os encontros eram ocasionais, os dias e os horários diferentes, acabei por repetir o roteiro de perguntas várias vezes. E, por falta de atenção, o que não ocorreria numa entrevista frente-a-frente, com tempo determinado para começar e findar, acabei descobrindo uma performatividade (BUTLER, 2003; GÁLVEZ MOZO, 2004) nos encontros, que repercutiu nas perguntas e nas respostas. Uma repetição que me fez receber respostas também repetidas, além de que as próprias interlocutoras me lembravam da repetição da questão. Virtualmente rimos juntas e acabei por relaxar no tocante a me preocupar se aquelas respostas eram ou não verdadeiras. Assim, pude constatar que não deveria deixar de lado aquelas verdades possíveis, pois, como afirma Bourdieu:

Seria, pois, ingênuo ater-se à verdade que eles propõe [sic], com toda sinceridade, e sem intenção de enganar (...) mas será infinitamente ainda mais ingênuo recusar esta verdade possível. (BOURDIEU, 1997: 85).

Pois, o mesmo autor defende, em “A Miséria do Mundo” (1997), a pluralidade de perspectivas, de pontos de vista concorrentes e coexistentes na metodologia de pesquisa. Ele faz um trabalho de compilação de entrevistas dentro de um estudo em “lugares difíceis” na França, com o objetivo de “tentar explicar as intenções e os princípios dos procedimentos que nós temos colocado em prática na pesquisa” (BOURDIEU, 1997: 693). Defende a interação pesquisador/pesquisado, e desta forma a relação entre observação e entrevista.

DESLOCAMENTOS E MIGRAÇÃO COMO FERRAMENTAS PARA USO DE ETNOGRAFIA MULTISITUADA

Deslocamentos e (des) encontros é a ação do movimento em lugares difíceis. Difíceis de pensar e descrever (BOURDIEU, 1997). Difíceis porque se configura em “o lugar do outro”, marcado pela gritante diferença do lugar da pesquisadora que não se deixou converter pelo chefe da tribo. Deslocado e (des) encontrado dos modelos pré-dispostos socialmente, heteronormativos (WITTIG, 1978; 1987) e cristãos de quem

pesquisa. Por isso, necessários de serem vistos como “representações complexas e múltiplas, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis” (BOURDIEU, 1997: 11-12). Verdade que é construída e que constrói a identificação delas enquanto travestis e brasileiras, principalmente estando longe de casa.

Pela internet também mantive contatos com o Brasil e com as meninas com as quais conversei ainda no Recife. Através de Allina e de nossa comunicação via *orkut* e *e-mail*, consegui ser aceita como convidada na festa de aniversário de Thara Wells, em Barcelona. Lá, revi Cris Falcão e Carla Ferri. Realizei observações no evento e conversas esclarecedoras e amistosas sobre alguns pontos de interesse da pesquisa, embora de forma bem sutil, sem uso de mídia para gravação, para não tirar a atenção de todas para o glamour da aniversariante e da própria festa.

É importante destacar a contribuição de redes e esquemas de ajuda para a circulação de travestis na Europa. As Ongs são espaços em que as atividades como oficinas, cursos, entre outras, parece realmente atrair alguns brasileiros e se formam redes que ali se retroalimentam, sobretudo porque as pessoas se identificam bastante por compartilharem experiências e dificuldades semelhantes. São grupos de estrangeiros (incluindo brasileiros) que se reúnem com o intuito de encontrarem outros compatriotas e também para falarem das necessidades pelas quais atravessam como estrangeiros.

Ao descrever sobre os esquemas de ajuda (Patrício, 2009) que ainda prevalecem no momento atual, mesmo a Europa tendo passado por uma situação de crise social, este continente ainda é um destino interessante para as travestis brasileiras. Por exemplo, Rosana está entre Portugal e Espanha, sempre habitué em *pisos*. Retorna sempre ao Brasil – Ceará (Maracanaú) para visitar familiares, mas logo volta a Europa para realizar seu trabalho, sob a segurança do espaço em que faz sua atividade enquanto garota de programa, já que lá está protegida pelo fato de ser um local fechado. Como a própria informa:

Na Espanha tá uma penação. Apesar das crises todas continuam aqui pela segurança, qualidade de vida que o Brasil ainda tá anos luz disso. Espanha hoje é o país mais pobre da Europa, seguido de Atenas [Grécia] e depois Portugal. (sic. Rosana, de Portugal, por internet)

Embora se reconheça que atualmente os fluxos de pessoas têm se intensificado, bem como tem aumentado os tipos de mobilidades, também se percebe um considerável aumento no número de indivíduos que, de maneira voluntária ou forçada, retornam a seus lugares de origem. Como foi anteriormente mencionado, o crescimento no número de brasileiros na Espanha se dá progressivamente entre os anos de 1990 até 2007, caindo a partir de 2008 com os retornos que se relacionam diretamente com as deportações, expulsões e com a crise econômica, mas que tem tomado outros contornos nesta segunda década, o que merece estudos mais

aprofundados.

É bom recordar que em 2008 as deportações de brasileiros da Espanha se visibilizaram e passaram a ser notícia no Brasil, sobretudo pelas denúncias por parte de estudantes barrados em aeroportos da Espanha. Mediante a tal situação que de eventual passou a ser constante, o governo brasileiro de Luiz Inácio Lula da Silva instalou o princípio de reciprocidade, exigindo aos espanhóis, que aqui chegam, as mesmas condições impostas aos brasileiros que lá tentam entrar. Em abril de 2012, a medida foi levada a cabo, crescendo o número de espanhóis barrados no Brasil. Em Junho de 2012, a Espanha simplificou o modelo da carta convite exigida aos turistas brasileiros, bem como o acesso às bagagens após 24 horas para aqueles que forem detidos, como uma medida que faz parte do acordo firmado entre os dois países para facilitar a entrada de visitantes das duas nações³.

Além das deportações, as expulsões de brasileiros “sem papéis” passaram a ser comuns em todas as cidades da Espanha. Como se pode acompanhar, se tratavam de estrangeiros que eram presos (em delegacias e centros de internamento). Como foi o caso de Érica, que destaca bem o que pode ocorrer com travestis brasileiras em território estrangeiro, e como um exemplo da multi-situidade na etnografia e situação de compreensão desta pesquisadora para com os “truques do ofício” como bem define George Marcus (1995, p. 423), como apresento no relato conjunto com Pereira (2012):

Érica chegou à Espanha no mês de maio de 2005 e seu companheiro, um mês depois, aproximadamente. Depois de um ano circulando pelo país, a conheci vivendo em Madri, ela como *habitué* da Calle Castellana, uma das zonas de prostituição da capital espanhola, e ele circulando por bares e fazendo algum tipo de trabalho informal, além de cuidar dela, da comida e das roupas do casal. Habitavam, em Madri, numa pensão de equatorianos, que vivia recebendo a polícia de migração, por isso era tão complicado visitá-los, principalmente porque tinha que avisar com uma antecedência grande e ter a permissão dos donos, além de que as conversas tinham que ser no *hall* da pensão e ouvidas por todos os habitantes dali, o que pude vivenciar por duas vezes.

Pelo fato de Érica estar fazendo *trottoir* na *Castellana* há algum tempo e ter vivido enquanto moradora em situação de rua em Goiás, já tinha um certo molejo em lidar com a realidade complexa da atividade que realizava. Por este motivo era conhecida como “*La Diabla*”, segundo o depoimento das colegas que afirmavam sua valentia em se manter no local e tentar impor sua condição para outras que ali também “tentavam a vida”. Aconteceu de uma de suas colegas, conhecidas desde o Brasil, se envolver com o tráfico de seres humanos e a Interpol investigar, chegando em Érica o elo entre elas. Ou seja, pelo fato de Érica ter realizado algumas ligações telefônicas para seus pares, principalmente as que conhecem as rotas de tráfico e a principal suspeita no processo de trânsito de travestis para a Espanha, a partir de Goiás, ela começou a ser alvo fácil da polícia de *estrangiería*. Resultado: No mês de fevereiro de 2007 foi pega pela Polícia, com as três cartas de expulsão que mantinha na bolsa - objeto de uso corrente para as pessoas que já foram presas e usam deste subterfúgio – truque – para evitar outro encarceramento. Foi levada até a delegacia de Polícia onde foi detida pela Interpol por exatos 90 dias enquanto o processo de investigação se desenrolava em busca de sua real condição de participante de tráfico internacional de pessoas.

³ A esse respeito ver: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/entrada-de-brasileiros-na-espanha-fica-mais-simples>. Acesso dia 26 de agosto de 2012.

Todas as semanas que se passaram foram torturantes para a pesquisadora que recebia ligações e visitas de Roberto informando dos pedidos de visita a sua companheira em cárcere. Como deixo exposto em trecho do diário de campo a seguir, como pedido de ajuda ao orientador:

Sobre a pesquisa:

Na sexta liguei pra minha informante que faz ponto na Castellana, seu marido atendeu. Ele me disse que ela estava em cárcere, fora pega na rua - pensei que por alguma briga ou furto - pelos policiais da Interpol. Pensei que ele estava equivocado sobre a Interpol e também que ela sairia no dia seguinte.

Pensei também que ele a tinha matado, pois uma semana antes ele saiu de casa e ficou 2 dias fora, ela me falou que iria se separar dele. Estão juntos há 10 anos. E ainda: vi na mesma sexta a tarde ele na Gran Via com uma caixa enorme indo em direção ao hostel em que moram, pensei que ele ia embora com tudo que tinham adquirido e deixar ela, ou seu corpo, aqui. Mas mesmo assim liguei no sábado.

Ele me disse que havia uma denúncia de outras travestis contra ela no Brasil acusando-a de tráfico de seres humanos, mas que era uma denúncia sem fundamentos, pois ela não estava envolvida com isso. Disse também que a mãe dela estava enviando documentos comprovativos de sua situação legal e que segunda feira ela seria solta, pois o fax chegaria nas mãos do advogado aqui só neste dia. Ele falou também que ela ligou e pediu umas roupas. Por medo de ir e ser preso também, pois faz um ano que estão aqui, já com algumas cartas de expulsão em mãos, me pediu que eu fosse em seu lugar.

Aí a coisa complicou. Passei todo o sábado pensando, pensei no que ainda não sabia deles dois, do envolvimento deles em algum tráfico de drogas e na possível verdade do fato. Disse que iria, mas que falaria com meu marido antes. Não fui, mas também não dormi, fiquei todo o dia pensativa e muito triste por não poder fazer nada a favor dela, mas muito preocupada também por poder com uma possível ida comprometer os dados e as informantes que tenho desde o Brasil, todas, principalmente as outras duas daqui, estão envolvidas com esta vinda ilegal de travestis, ou seja, o tráfico. Como também um rapaz que me indicou estas últimas. Hoje é segunda, falei com ele, que me disse ter ido à penitenciária *El Soto*, e lá não pôde entrar, só deixar suas roupas na portaria. Disseram que ela tem que informar seu nome na portaria para que ele a visite aos domingos apenas.

Sobre o advogado, soube também que esse problema tem que ser resolvido no Brasil, que a polícia da Espanha só pode encarcerar, e deportar depois do caso resolvido e com o aval do Ministério do Interior, de onde sairá seus bilhetes de volta ao Brasil e de onde se contactará com uma organização também no Brasil para reinseri-la socialmente. Soube também que ela possivelmente ficará presa por 3 meses, isso de uma Ong em que ela começou semana passada a fazer um curso de Castelhana, para depois fazer um de costura.

(...), estou preocupada com isso, com minhas informações e com informantes. Com o desenrolar dos fatos e com a investigação policial, afinal não é nada confortável a situação. (...) O que faço? Continuo ligando para R., seu marido? Deixo ele ou ela mesma me procurar? Embora acredite que isso não vai acontecer, como não tem acontecido com nenhuma das informantes. Fico também com medo, pois moro em uma zona de tráfico de drogas e semana passada quando estava andando com Érica, essa informante, haviam agentes da Polícia Nacional prendendo traficantes na esquina e quando nos viram, estávamos procurando outras brasileiras, miraram-nos, eu, ela e Roberto, de cima a baixo, como se fossem nos parar pra falar algo. Foi quando voltei pra casa, já que não encontrara nenhuma brasileira ali, e eles foram pro hostel onde vivem. Me diz algo. Abraços.

Roberto não conseguiu manter-se na pensão, indo para as ruas de Madri e se envolvendo com outros usuários de cocaína, ocasionando algumas marcas em seu corpo com as lutas travadas e para conseguir um lugar em albergues públicos (alguns em igrejas). A pesquisadora ficou aflita ao imaginar que seus outros contatos de campo poderiam estar sendo também investigados⁴, como fica claro em carta ao orientador, na medida em que os mesmos laços de amizade que levam as travestis para a Europa como ajuda, pode se configurar, aos olhares mais direcionados, como Tráfico de Seres Humanos⁵, quando se trata de empréstimos de dinheiro para tal atividade migratória irregular.

Só após os 90 dias de investigação, e considerando que a Interpol não encontrou provas suficientes para manter a possível ré privada de sua liberdade, é que pudemos conversar sobre o assunto. Ela me procurou, almoçamos juntas e foi só a partir deste novo contato que ficou claro o que realmente tinha ocorrido. Pois, as informações que eu tinha sobre o local em que ela estava detida não era dos melhores. Confirmando o que aponta Bourdieu ao tratar de lugares difíceis, como levantei enquanto aflita.

Informações como as disponíveis no periódico EL MUNDO⁶, acabaram por deixar a pesquisadora mais aflita, só sendo sanado após conversa com Érica, uma semana depois de sua soltura. Tudo o que esta interlocutora falou sobre seu encarceramento, e o tempo em que ficou detida não condiz com o que li sobre o local e as condições em que ela poderia estar. Câmeras por todos os lados, respeito a sua pessoa, como travesti e feminina, comida adequada para os apenados e visitas permitidas segundo sua permissão por escrito, o que se esperava que acontecesse comigo, pois o nome da pesquisadora estava na lista dos que poderiam lhe visitar, o que não ocorreu.

No caso de Érica, sua condição foi ficando diferente. Ao invés de se isolar em casa, como fizeram Maria e Rebeca⁷, ela encontrou novas estratégias para trabalhar. Primeiramente procurou outras travestis que faziam prostituição em *pisos*, pois temia outra batida policial no ponto de rua em que costumava ficar, a *Castellana*. Entrou em contato com Yanca e enquanto não surgia alguma vaga em pisos ia se colocando em outro ponto de *trottoir* na capital espanhola, *Gran Via* com *Desengaño*, local em que se encontrava ela e outras travestis que haviam saído das zonas mais tradicionais de prostituição, como a Casa de Campo – em reforma urbana na qual foi proibido a presença de garotas, rapazes e travestis em situação de prostituição.

Me senti comprometida com as histórias que estava acompanhando há algum tempo, com as verdades e com as sequencias de vida que trilhava junto com elas

4 Um agravante para a aflição desta pesquisadora foi o fato de ter sido procurada por uma “jornalista” brasileira se dizendo representar uma rádio no interior de Santa Catarina para atualização sobre novas pesquisas acerca de brasileiros na Europa, o que me pareceu investigação disfarçada de matéria jornalística. Conversamos e eu com todo o cuidado para falar das meninas que ali estavam irregularmente. Na verdade, nunca consegui ver a matéria no ar.

5 Ver PATRICIO, 2008, 2009.

6 Madrid, Viernes, 27 de noviembre de 1998. CARCEL Las acusaciones por torturas en Soto se duplican respecto a 1997.

7 Ver PEREIRA, 2012

naquele momento, com os compromissos e os movimentos circulatórios que tentava compreender. Por isso entendi que a multisituidade é importante para poder compreender a própria mobilidade encravada no comportamento, nos deslocamentos e na necessária transdisciplinaridade que a realidade me apresenta (va) em campo, o que mexeu com o emocional e o ético enquanto pesquisadora, pois me fez entender a necessária multiplicidade de lugares e dispersões em que elas se encontram e seu sistema específico de auto-representação, as posições que impõe a seus interlocutores.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **La Distinción**. Madrid: Taurus, 1988

_____. **O poder simbólico**. Portugal: Difel/ Bertrand Brasil. RJ. 1989 a (Coleção Memória e Sociedade.)

_____. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 b.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais.)

_____. **Lições de aula**. São Paulo: Ática, 1994. (Aula inaugural proferida no Collège de France em 23 de Abril 1982).

_____. **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A Distinção**. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder y Identidad**. Ed. Síntesis. Madrid. 1997.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

MARCUS, George E. **Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. In: Annual Review of Anthropology, 24, pp. 95-117, 1995.)

_____. **Ethnography through Thick/Thin**. Princeton: Princeton University Press. 1998.

MOZO, Ana Gálvez. **Producción de compromiso y sentido de realidad en los entornos virtuales. Un análisis etnográfico**. Universitat Oberta de Catalunya, Revista Athenea Virtual, n. 5, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco. FAULHABER, Priscila. SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. **Entrevista George Marcus**. Revista Mana, vol. 21, número 2. Rio de Janeiro, agosto de 2015. Páginas 407-423. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v21n2/0104-9313-mana-21-02-00407.pdf>.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo. Mobilidade e Construção de Identidades em Campina Grande**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, mimeo, 2002.

_____. No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras. Tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Antropologia, 2008.

_____. No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional. Revista Carta Internacional. Volume 4, número 1, novembro de 2009, Pp. 30-43.

PEREIRA, Fabiana Gama, PATRICIO, Maria Cecilia. **Voltando pra casa: reflexões em torno da mobilidade e do retorno de brasileiros que viveram na Espanha.** Apresentação em GT 22 Migrações internacionais: interações entre estados, poderes e agentes. Caxambu, 36º Encontro Anual da Anpocs, 2012.

PÉREZ, Carmen; CALLÉN, Blanca; BERTRÁN, Marta; ARDÈVOL, Elisenda. **Etnografía virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada en línea.** In: Revista Athenea Virtual. Número 3. 2003

RUBIO, Carlos Junquera. **Los informantes.** In: BAZTÁN. A. Aguirre (Ed.) Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural. España: Ed. Boixareu Universitária. s/d.

SILVA, Hélio. Travesti: **A invenção do feminino. Etnografia.** Rio de Janeiro: Relume/Dumará/ISER, 1993.

_____ **Certas Cariocas. - Arenas do Rio:** Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, Prefeitura, 1996.

WITTIG, Monique. **A propósito del contrato social.** (1987). Texto disponível em material divulgado através do Congresso Seminari de Judith Butler. Barcelona: MACBA, Jun. 2007.

_____ **El pensamiento heterocentrado.** (1978). Texto disponível em material divulgado através do Congresso Seminari de Judith Butler. Barcelona: MACBA, Jun. 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**
Editora

2 0 2 0